



ETTY HILLESUM: FORÇA INTERIOR E AMOR TRANSBORDANTE BASEADOS EM PRINCÍPIOS ÉTICOS

ETTY HILLESUM: INNER STRENGTH AND OVERFLOWING LOVE BASED ON ETHICAL PRINCIPLES

10.29073/naus.v4i2.803

RECEÇÃO: 22 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 12 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Maria de Oliveira , PPGLI-UEPB/GIELLUS, Brasil, maria.almeida.professora@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo pretende discutir como a ética se mostra presente na escrita do diário de Etty Hillesum. Ela, mulher judia não-praticante, no contexto da Segunda Guerra Mundial, percebe-se parte do povo judeu subjugado e, a partir de então, revela em seu diário um pensamento ético voltado para o coletivo de seu grupo, além de sua relação com a figura de Jesus Cristo. Baseando-se em alguns apontamentos teóricos em torno do assunto, com autores como Deleuze (1993), Ferrière (2014) e Russ (1999), percebemos um crescente no que diz respeito à noção de ética no diário de Etty Hillesum, escrito no início da década de 1940. Dessa forma, analisamos trechos do diário, de modo a destacar posicionamentos que revelem a busca por esse significado de vida em comunhão com os outros. Assim, mesmo num cenário histórico em que a morte parecia ser o único fim, Etty buscou significado para sua existência, traduzindo em palavras seu constante anseio por dignidade e paz para todos. Certamente, para se obter esse nível de consciência, foi necessária uma grande força interior capaz de sustentá-la em meio às angústias que ficam nítidas em seus diários, cujo testemunho revela sua entrega a Deus e a seu povo, ressaltando inclusive sua contribuição para a humanidade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Diário; Ética; Força Interior.

ABSTRACT

This article aims to discuss how ethics is present in the writing of Etty Hillesum's diary. She, a non-practicing Jewish woman, in the context of the Second World War, perceives herself as part of the subjugated Jewish people and, from then on, reveals in her diary an ethical thought aimed at the collective of her group, in addition to her relationship with the figure of Jesus Christ. Based on some theoretical notes on the subject, with authors such as Deleuze (1993), Ferrière (2014) and Russ (1999), we perceive a growing notion of ethics in the diary of Etty Hillesum, written in the early 1940s. In this way, we analyzed excerpts from the diary, in order to highlight positions that reveal the search for this meaning of life in communion with others. Thus, even in a historical setting in which death seemed to be the only end, Etty sought meaning for her existence, translating into words her constant yearning for dignity and peace for all. Certainly, in order to obtain this level of consciousness, it was necessary to have a great inner strength capable of sustaining it in the midst of the anguish that is clear in her diaries, whose testimony reveals her dedication to God and to her people, even emphasizing her contribution to humanity as a whole.

KEYWORDS: Diary; Ethics; Inner Strength.



INTRODUÇÃO

Segundo Jacqueline Russ (1999, p. 8), a ética, apesar da confusão existente em comparação à moral, diverge desta “por desconstruir as regras de conduta que formam a moral, os juízos de bem e de mal que se reúnem no seio desta última”. Dessa forma, de acordo com seu pensamento, a ética “desfaz suas estruturas [das regras de conduta] e desmonta sua edificação, para se esforçar em descer até os fundamentos ocultos da obrigação” (Russ, 1999, p. 8). Portanto, ao se falar em ética, deve-se pensar nas bases de uma ou mais morais, de modo que, a partir dela, examina-se, reflete-se, atua-se, modificando ou preservando os juízos e prescrições das situações nas quais se insere uma moral. A essência da ética é, logo, questionadora.

A ética é um elemento constituinte na essência de uma figura importante do século XX, Etty Hillesum (1914–1943), que, em seus escritos — diários e cartas —, pôde expor seus questionamentos acerca do mundo em que viveu, sobretudo em relação às morais vigentes, que faziam emergir situações de morte e de dor para seres humanos inocentes. Era o contexto de Guerra, a Segunda Mundial, o qual imprimiu marcas indeléveis na História da humanidade. Dessa forma, estando inserida de maneira evidente nesse episódio horrendo — Etty era judia —, a jovem externou sua repulsa ao ódio e ao rancor em oposição à contemplação do amor transbordante, como aquele descrito por Paulo em uma de suas cartas aos Coríntios, um amor paciente, sem interesse, justo, respeitoso (Bíblia Pastoral, 1 Coríntios, 13). Segundo ela, a paz só poderia se instalar devidamente na terra se esse amor-caridade se concretizasse.

Assim, tendo como base o diário de Etty Hillesum e alguns apontamentos teóricos em torno do assunto, objetivamos discutir como a ética se mostra presente na escrita analisada. Em meio à análise, traçaremos posicionamentos acerca da vivência de Etty e sua presença no mundo como agente da paz pelo amor ao próximo. A princípio, exporemos uma breve biografia de Etty, para que possamos compreender dados essenciais de sua vida, os quais são determinantes para seus gestos diários.

ETTY HILLESUM: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Antes de discutirmos os princípios éticos presentes nos escritos de Etty Hillesum¹, é importante conhecermos um pouco dessa mulher única, de história marcante e atrativa, embora em muitos pontos de grande sofrimento. De nome Esther Hillesum, Etty nasceu no dia 15 de janeiro de 1914 em Middelburg (Países Baixos). Veio de uma família judia não praticante. Seu pai, Louis Hillesum, foi professor de línguas antigas e, em seguida, diretor de liceu. Sua mãe, Rebecca Bernstein (Riva), uma imigrada da Rússia. Etty tinha dois irmãos mais novos: Jacob (Jaap), que se tornaria médico, e Michaël (Mischa), pianista talentoso, portador de esquizofrenia.

Etty inicia seus estudos de Direito em 1932, em Amsterdã. Ao mesmo tempo, estuda o russo, língua de sua mãe. Posteriormente, dá aulas desse idioma a alguns estudantes interessados. Cinco anos depois, ainda estudante, Etty muda-se para a casa de Han Wegerif, com quem estabelece um relacionamento conjugal.

Nesse período, já há indícios da eclosão da Segunda Guerra Mundial, que afetará a vida de Etty de alguma forma — no início, parece algo distante de si, porém depois, ao começar a observar as interdições ao povo judeu, muda sua percepção em torno do conflito.

Paralelamente a isso, Etty vive um conflito interior de causa afetiva, de autoestima e de autoconhecimento. Assim, para ajudá-la num processo terapêutico, conhece o psiquirólogo Julius Spier, nascido em 1887 na Alemanha e que, por ser judeu, teve que fugir de seu país para Amsterdã a fim de se salvar no contexto da Guerra. A primeira consulta

¹ As informações acerca da biografia de Etty Hillesum foram retiradas do livro: Ferrière, P., & Meeûs-Michiels, I. (2014). *15 dias de oração com Etty Hillesum*. (P. F. Valério, Trad.). Paulinas.



de Etty com Julius ocorreu em fevereiro de 1941 e foi a partir desse contato que a vida dela começa a se modificar, tanto pelo incentivo de Julius para que ela escreva, quanto pela história de amor surgida e vivenciada por eles. O relacionamento entre os dois dura até a morte de Spier, ocorrida em setembro de 1942.

Um pouco antes disso, em julho de 1942, Etty se candidata ao Conselho Judaico por incentivo de seu irmão Jaap. Em seguida, pede transferência para o campo de trânsito em Westerbork². Lá intercalará períodos de trabalho e retornos a Amsterdã, devido a um esgotamento crônico.

Os cadernos de Etty (Diários), foco de nosso trabalho, começam com descrições do dia a dia dela, como as consultas com Spier ou passeios realizados. Entretanto, ao longo de sua escrita, percebemos uma tensão interna relacionada aos acontecimentos externos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, além de sua busca pela presença da figura de Deus em sua vida. É nesse processo que percebemos a inserção de princípios éticos que norteiam o pensamento da escritora, ainda em fase de autoconhecimento.

A última data do diário de Etty Hillesum é 13 de outubro de 1942. Ela faleceu em novembro de 1943, em Auschwitz. Sua família também perde a vida. Entre essas duas datas, seus escritos estão presentes em cartas que ela escrevia de dentro do campo de trânsito para pessoas amigas e de sua confiança. Etty morreu, contudo seus escritos serão eternos, desde que sejam lidos, conhecidos e valorizados em toda sua grandiosidade.

PROCESSOS DE ENCONTRO CONSIGO MESMA MEDIADOS PELO ATO DE ESCREVER

Escrever, para Etty Hillesum, não era uma tarefa fácil. Embora fosse uma leitora assídua de textos tanto literários quanto não-literários — o poeta austríaco Rainer Maria Rilke foi seu maior objeto de leitura —, quando se via perante o processo de escritura, Etty sentia-se incapaz de transpor para o papel o seu interior repleto de emoções em tons variados. Em seu primeiro registro do diário, evidencia-se, pois, suas incertezas quanto ao ato de escrever:

Então vamos lá! Este é um momento doloroso e quase intransponível para mim: confiar meu coração inibido a um tolo pedaço de papel pautado. Os pensamentos às vezes são tão claros e vívidos na minha mente, e os sentimentos tão profundos, mas ordená-los por escrito ainda é difícil. Acima de tudo pela vergonha, creio. Sinto uma grande inibição, não me atrevo a revelar as coisas, deixar que jorrem livremente de mim, e no entanto é preciso, se eu quiser dar à minha vida, a longo prazo, um propósito digno e satisfatório. (Hillesum, 2019, p. 17)

Ora, é importante destacar que a escrita do diário de Etty Hillesum foi uma terapia indicada por Julius Spier como instrumento para a cura interior da jovem judia. Portanto, o fortalecimento interior de Etty vai sendo percebido ao longo de seus diários. Desse modo, “aquele sentimento de vergonha que caracteriza as primeiras páginas dos seus cadernos transforma-se, gradualmente, num elevado sentimento de dignidade e de profunda serenidade” (Michaeldave, 2019, p. 114). O desenvolvimento de seus anseios pessoais e sociais, portanto, são acompanhados tanto por Spier, com quem manteve um relacionamento amoroso intenso além da terapia, quanto por suas páginas escritas diariamente. Em seus textos, percebemos o quanto Etty está envolta em tormentos íntimos, com um vazio existencial difícil de compreender e de lidar:

² Segundo o site *Culture and Creativity*, o Campo de Westerbork funcionou como campo de refugiados para judeus perseguidos pelos nazis até 1942 e foi depois convertido em campo de trânsito a partir do qual judeus e ciganos foram deportados para campos de concentração e extermínio nazis na Alemanha e nos territórios ocupados da Europa Central e Oriental. Disponível em: <https://culture.ec.europa.eu/pt-pt/cultural-heritage/initiatives-and-success-stories/european-heritage-label/european-heritage-label-sites/camp-westerbork-the-netherlands>. Acesso em: 12 fev. 2023.



E hoje de manhã, por um instante, pareceu que tudo ia bem. Mas enquanto pedalava pela Apollolaan veio de novo aquela sensação de desnortamento, de frustração, de vazio por trás das coisas, de não estar satisfeita com a vida e reclamar disso sem critério ou bom senso. E neste instante estou no pântano. E mesmo a ponderação: “enfim, isso também vai passar” desta vez não traz nenhuma paz. (Hillesum, 2019, p. 44)

De fato, o ato de escrever foi um crescente na vida de Etty e acompanhou seu processo de cura interior. Afinal,

Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrevermos, devimos-mulher, devimos-animal ou vegetal, devimos-molécula até devir-imperceptível. (Deleuze, 1993, p. 11)

Se no início de seus diários, ela se atinha a questões mais superficiais do dia a dia, ao longo das páginas percebemos um aprofundamento em suas reflexões, chegando ao cerne de sua busca mais acentuada: a de seu encontro pessoal com Deus. Essa percepção de uma presença celestial em seu ser vai, assim, tomando forma, como visualizamos nesse trecho: “Há dentro de mim um poço muito profundo. E lá dentro está Deus. Às vezes posso chegar até o poço, mas com frequência há pedras e cascalho sobre ele, e Deus está enterrado. Então ele tem que ser novamente desenterrado” (Hillesum, 2019, p. 44).

Destaquemos que, apesar de sua inserção no meio judaico, oriunda de sua família, Etty não foi educada em sua religião. Não praticava seus ritos nem acreditava em todos os seus preceitos. No entanto, sentiu-se extremamente ligada ao povo judeu a partir do momento em que as restrições impostas durante a Segunda Guerra Mundial começaram a atingi-la. Assim, além de iniciar uma jornada a fim de proteger seu povo de tamanho sofrimento (a forma como isso aconteceria ainda era um mistério para ela), empreendeu uma busca incessante por Deus, na figura de Jesus Cristo, na mesma medida que se aproximava dos sofrimentos das pessoas. O ato de se ajoelhar, por exemplo, rito cristão, dá-se em Etty como exteriorização do seu amor a Deus e pelas pessoas:

Estados de espírito. A descoberta repentina de uma coisa que se tornará minha verdade. Amor pelas pessoas, pelo qual será preciso lutar. Não na política ou num partido, mas dentro de mim. Há ainda, porém, uma falsa modéstia para expressá-lo. E aí há Deus. “A garota que não sabia se ajoelhar e no entanto aprendeu a fazê-lo num capacho áspero de um banheiro sujo.” (Hillesum, 2019, p. 116)

Suas conversas com Deus se tornam constantes, assim, à proporção que a Guerra imprime seus tormentos. Nesse contexto, a ética se faz perceber nos registros escritos, os quais refletem as ações tanto exteriores quanto interiores da jovem. Dessa forma, é por meio dos diários que vêm à tona seus processos de encontro consigo mesmo mediados pelo ato de escrever. Cada página descreve o que se passa dentro de Etty e o que transborda, revelando todo o seu amor pela humanidade, tradução de seus princípios éticos.

A ÉTICA NOS ESCRITOS DE ETTY HILLESUM

Em suas conversas com Deus, intermediadas por papel e tinta, Etty agradece, clama e demonstra seu amor e humildade perante essa figura divina e catalisadora para ela. Além disso, faz promessas, como geralmente fazem os cristãos:

Meu Deus, agradeço-te por teres me criado assim, como sou. Agradeço-te por isso, por poder ser tão repleta de amplidão, e essa amplidão não é mais que estar preenchida por ti. Prometo-te que toda a minha vida será empenhada em chegar a essa bela harmonia e também à humildade e ao verdadeiro amor, cujo potencial sinto em mim nos meus melhores momentos. (Hillesum, 2019, p. 138)



Gestos cristãos numa mulher de formação judia poderiam gerar grandes conflitos no seu interior, contudo a certeza de Etty no amor de Deus a ajudava a suportar as maiores aflições. É válido lembrar que a dureza imposta pelo momento histórico da Guerra fez emergir a força interior de Etty, já que, se antes ela vivia sua existência morna e cômoda, com certos privilégios, só agora percebia em que âmbito seria possível alcançar sua vida plena: no encontro com Deus, consigo mesmo e com os outros. E esse encontro não aconteceria de modo tranquilo, mas como uma verdadeira avalanche de sentimentos conflitantes:

A dupla experiência de humanidade — a relação com Spier — e de violência — as medidas nazistas — compõe a trama e a teia sobre as quais se foi tecendo a tela desta vida. Sem a relação com Spier — feita de afetividade e de humanidade —, Etty teria sido sem dúvida esmagada pelo horror e pelo desgaste da perseguição. Sem a ameaça nazista, não teria sido solicitada com tanta força a seguir em frente pelo caminho da interioridade, até optar por ficar conscientemente sozinha e estéril. Uma opção que tem por fim ser fecunda na transmissão de um amor maior, sempre disposto a morrer como paradigma da disponibilidade inacabada de doar-se a cada momento. (Michaeldavide, 2019, p. 26–27)

Dessa forma, adentramos numa ética baseada em princípios religiosos, cuja base não seria estritamente focada em uma religião, a qual pode, entretanto, oferecer preceitos de moralidade segundo Russ (1999). De acordo com a autora, “se a moral e a ética não são religiosas, se elas não se referem a um princípios transcendente que as funda, contudo a Palavra de Deus se inscreve na face de meu próximo, posto que Deus, literalmente fala *no* homem” (Russ, 1999, p. 38). Desse modo, o ideal proposto por Jesus Cristo “Amem-se uns aos outros. Assim como eu ameí vocês, que vocês se amem uns aos outros” (Bíblia Pastoral, João, 13, 34), fixa-se como base para a construção de uma ética na qual o respeito/amor a Deus, a si e aos outros é fundamento direcionador.

Ora, a partir do momento em que Etty se vê encurralada pela Guerra, e junto a si todo um povo, emerge seu desejo pela onipresença divina. Para ela, estar preenchida por Deus não basta; é preciso transbordar, alcançando os demais. O amor que ela devota aos outros se revela, sobretudo, pela ânsia de se abrigar no próprio eu, em busca de forças interiores cujo elemento fundador e basilar seria o Deus cristão e amoroso do Novo Testamento bíblico. Assim ela diz: “Ameaças exteriores cada vez maiores, o terror aumenta a cada dia. Abrigo-me na oração como se ela fosse uma escura parede protetora, recolho-me na oração como numa cela de convento e depois vou de novo para fora, mais unificada, forte e novamente recomposta” (Hillesum, 2019, p. 175).

Desse modo, o ato penitencial de ajoelhar-se tornou-se meio para obtenção de um bem maior, que seria o encontro pessoal com Deus e o fortalecimento espiritual necessário para lidar com as adversidades do momento, bem como colaborar pelo bem de seu povo. A oração trouxe, pois, força para se reorganizar internamente e sair de si para atuar no exterior como um agente pela paz. Percebe-se, assim, que:

Na realidade, não falta sofrimento a ninguém, no entanto, o nosso sofrimento deve ser contextualizado em algo maior, uma vez que, até aquilo que é duro e que, objetivamente, traz infelicidade ou se deve evitar, se pode tornar ocasião para compreender a amplitude da nossa alma e da nossa vida. (Michaeldavide, 2019, p. 60)

Esse é, de fato, um princípio cristão no qual sofrer faria parte de um desenvolvimento pessoal único, jamais alcançado de outra forma, assim como já vimos ou ouvimos falar, quando Jesus Cristo proferiu as seguintes palavras no trecho bíblico conhecido como “Sermão da Montanha”:

³*Felizes os pobres no Espírito, porque deles é o Reino dos Céus.*

⁴*Felizes os que choram, porque serão consolados.*

⁵*Felizes os mansos, porque herdarão a terra.*



⁶*Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.*

(Bíblia Pastoral, Mateus, 5, 3–6)

Assim, é legitimado o fato de sofrer, pois a promessa de Deus é a de uma paz celeste posterior e eterna. A fé nesses preceitos faz com que as pessoas suportem os maiores tormentos, na esperança da plenitude divina.

Nesse processo de descoberta de si, Etty não se mostrou egoísta. Pelo contrário, conhecer seu “eu” perpassava as dores do outro, numa necessidade de vida plena dentro de um contexto coletivo e em ligação com Deus. A completude é algo então almejado, e nesse jogo há de se perceber o princípio afirmativo da ética, o qual concebe uma afirmação dinâmica, viva de nosso ser, e o conceito de que “A ética é a ciência do bem e do mal, a qual toma como ponto de partida o essencial: não valores transcendentais, voltados contra a vida; não as paixões tristes e seu inquietante cortejo de ressentimento e de ódio, mas o poder de vida e do desejo” (Russ, 1999, p. 39–40).

Ao invés da negação e do ódio, portanto, sobressai-se a afirmação ao amor e ao desejo de viver, mesmo numa época hostil a todas as formas de vida e de paz. Segundo Etty, “temos que nos tornar tão independentes de coisas materiais e superficiais que, não importa sob quais circunstâncias, a mente possa continuar a seguir seu caminho e fazer seu trabalho” (Hillesum, 2019, p. 200). Não se apegar aos bens materiais, então, mostrava-se um importante artifício para a garantia da paz interior e coletiva.

Mesmo diante de grandes provações e abstinências, princípios comuns aos ritos cristãos, é preciso agir. Não negar o que acontece, mas buscar formas de existir diante dessas adversidades. Vejamos: em tal situação, seria mais fácil praguejar, lamentar-se, chorar, desistir. Contudo, conforme a ética presente na vida de Etty, ela opta por adaptar-se a essa realidade, fortalecendo-se num contexto em que corpos enfraqueciam mais a cada dia. Todavia, se o corpo padecesse, o espírito seria fortalecido, e esse era o objetivo.

Ligado a isso, outra base para o pensamento ético é o princípio da realidade, cuja ideia “designa um ponto de partida centrado sobre o que existe *efetivamente*: sobre as próprias condições da vida e da existência” (Russ, 1999, p. 42). A partir dele, solicita-se lucidez, olhar, verificação da realidade, ou seja, sair das ideias imaginativas e da ilusão para aceitar o real, que pode ser bom ou ruim, e sobretudo ruim.

Como vemos, aceitar a realidade é um passo crucial para o pensamento ético. No entanto, isso não significa submeter-se a tudo e a todos, pois lutar contra uma realidade nefasta é também, de fato, essencial à ética, por envolver o bem individual e coletivo. Aceitar a realidade é compreender o que se passa, aprender a lidar com ela, não se fechar em fantasias e ilusões, mas fazer parte do que existe. É viver o real. Saber das notícias da Guerra, por exemplo, era um tipo de martírio que Etty vivenciava, como a seguinte, ouvida em 29 de junho de 1942:

A última notícia é que todos os judeus serão deportados da Holanda para a Polônia, via Drente. E a rádio inglesa disse que desde abril do ano passado 700 mil judeus morreram na Alemanha e nos territórios ocupados. E se continuarmos vivos, essas também serão feridas que carregaremos por toda a vida. (Hillesum, 2019, p. 209)

Essas notícias não eram agradáveis de nenhuma forma: deportação, morte, invasão, traumas e marcas indeléveis. Etty e seu povo sofriam, porém ela não fugiu a essa realidade, não se escondeu em seu mundo particular, nem quando pôde. A jovem desejou fazer parte de tudo, sobretudo dos sofrimentos pelos quais seu povo passava e, por isso, optou por ingressar voluntariamente no campo de trânsito de Westerbork. A sua ética envolvia o cuidado, o zelo pelos outros, que tornava evidente sua solidariedade e seu amor. Em 10 de julho de 1942, Etty relatou:

Um dia difícil, um dia muito difícil. Um destino coletivo que é preciso aprender a suportar com a eliminação de qualquer infantilidade pessoal. Qualquer um que ainda queira se salvar sabe muito bem que, se ele não



for, outro terá que ir no seu lugar. E o que importa se sou eu ou outro, este ou aquele? Isso agora se tornou um destino coletivo, e isso as pessoas têm que saber. Um dia muito difícil. (Hillesum, 2019, p. 251–252)

Nesse contexto extremamente difícil, “trata-se da luta contra a ilusão para assumir a realidade como único e autêntico lugar de possível insurreição contra cada ameaça — interior e exterior — à verdade da própria pessoa, que forma um todo com a verdade do Todo” (Michaeldavide, 2019, p. 62). Desse modo, verificamos as lutas de Etty empreendidas dentro de si mesma e contra todo o mal que se instala em seu meio. Certamente, mesmo que tenha perdido a vida, podemos afirmar que ela saiu vitoriosa, visto que teve a oportunidade de se doar o quanto pôde, a partir de suas escolhas, por um bem maior e coletivo.

Então, percebemos o quanto a ética se manifesta nos escritos de Etty Hillesum, já que suas ações, baseadas morais adquiridas por meio dos preceitos familiares, religiosos, literários, entre outros, voltam-se para um bem comum que não se prende à realização particular. Pelo contrário, esse fortalecimento individual de Etty é resultado do seu encontro com os tormentos alheios, o que lhe revela a presença divina nos seres humanos. Logicamente, ela experimentou inúmeras adversidades que, mesmo com coragem, fizeram-na temer pelo presente horrendo e por um futuro incerto. Até porque

A coragem não nos impede de passar pelo medo, ou, antes, não há coragem sem experiência de temor e, por vezes, de terror; como também não há honestidade possível sem a capacidade de olhar para as coisas com toda a verdade, mesmo quando se corre o risco de que esta nos esmague com o peso das suas exigências. (Michaeldavide, 2019, p. 92)

Por isso, o fato de ter escolhido estar entre seu povo, os judeus, para dar sua contribuição, sentir na pele seus sofrimentos, orar junto a eles, faz-nos pensar a respeito do princípio ético da liberdade, o qual é definido por Russ (1999) da seguinte forma:

O princípio de liberdade — afirmando o direito legal de cada um às liberdades fundamentais — acha-se expresso claramente na filosofia ética e política contemporânea, e em relação com o princípio de igualdade. Esse duplo enunciado — liberdade, igualdade — constitui o prolongamento de um princípio muito antigo: cada pessoa tem um direito igual ao conjunto mais extenso de liberdades fundamentais; as liberdades são iguais para todos. (Ross, 1999, p. 49)

Se as liberdades são iguais para todos, as prisões também são? Etty reflete sobre essas questões e chega a agradecer a Deus o fato de estar submetida às preocupações do campo de trânsito:

Sou grata por não teres me deixado ficar sentada nesta escrivaninha tranquila, mas teres me colocado no meio do sofrimento e das preocupações destes tempos. [...] sou tão grata por isto: que ao menos não estou amargurada ou cheia de ódio, mas que existe em mim uma renúncia tão grande, que não é resignação, e também uma espécie de compreensão deste período, por mais estranho que isso possa soar. (Hillesum, 2019, p. 279)

Estar inserida no meio doloroso da Guerra, no papel de vítimas, faz com que o princípio da liberdade ganhe sentido ao mesmo tempo que gera indagações: se a liberdade é igual para todos, por que há algozes e vítimas? Refletir sobre isso também é suscitado pela percepção ética de Etty. Para ela, entretanto, é preferível estar do lado de seu povo, sofrendo, mas também colaborando com o cultivo da esperança em dias melhores para todos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à Segunda Guerra Mundial contexto no qual cada um travou uma batalha em busca de sobrevivência, quando um pedaço de pão era motivo para uma discussão ou até mesmo para um assassinato, tempo em que o bem-estar pessoal ditava as regras em detrimento bem coletivo, Etty Hillesum trilhou um caminho oposto. A partir do momento em que se percebeu inserida num grupo oprimido, subjugado pelos nazistas, a jovem judia passou a ressignificar a própria existência, fazendo uso de sua espiritualidade em ascensão em prol da alteridade.

Nesse sentido, esclarece-se o papel da ética na vida de Etty, preparando-a para lidar com o outro, de modo que o bem comum pudesse se instalar. Para Etty, o sofrimento alheio também era o seu, e era preferível participar dos tormentos, caso não houvesse meios para resolvê-los, que se afastar. Certamente, verificamos que, muitas vezes, por se sentir incapaz de colaborar pelo bem-estar comum, Etty se recolhia para orar. Entretanto, a partir do preceito cristão de que “como corpo sem o sopro da vida é morto, assim também a fé sem as obras é morta” (Bíblia Pastoral, Tiago, 2, 26), deslocava-se ao encontro do outro, chegando ao ponto de se inscrever voluntariamente para trabalhar no campo de trânsito de Westerbork.

Abandonar seu povo nunca foi uma opção. Sua solidariedade partia de princípios éticos, sobretudo religiosos, nos quais a ânsia por justiça e a esperança por dias melhores figuraram como preenchedores de lacunas suscitadas pela dor, pela Guerra e pelo ódio crescente. Desse modo, ficam mais questionamentos: vivenciar uma grande provação, como o Holocausto para os judeus, seria um impulso para reflexões e posicionamentos éticos? Uma vida cômoda, sem maiores contratempos, não forneceria, assim, os ingredientes necessários para uma existência ética e, portanto, coletiva, visto que preza mais pela manutenção desse estado de calma sem se importar com o externo? De fato, a realidade da Guerra poderia explicar a atitude ética, porém, para isso, seria necessário haver dentro de si valores morais que direcionassem tais ações.

Além disso, questionar Deus pelas atrocidades da Guerra não foi uma atitude adotada por Etty. Também ela não se mostrou resiliente e passiva diante desses horrores, cujos responsáveis eram as próprias pessoas. Omitir-se não foi sua decisão. Etty, com sua força interior em pleno desenvolvimento, escolheu enfrentar seus temores, observando cada íntimo pensamento seu e colocando-os à disposição de suas ações voltadas mais para uma resistência afirmativa, em que cada ser a sua volta se torna parte de sua busca por Deus — um Deus que se presentifica na figura do irmão oprimido.

Se os homens eram responsáveis por tamanho sofrimento, somente eles poderiam reverter o caos instalado. Essa foi uma constatação da própria Etty em seus relatos. Deus estaria impossibilitado pelo fato de que, ao conceder o livre arbítrio aos seres humanos, deixou também as consequências dessas decisões, que poderiam ser desastrosas, para eles resolverem. Modificar esse retrato é uma tarefa de cada um, e Etty se propôs a executá-la como pôde.

Mesmo num cenário em que a morte parecia ser o único fim, Etty buscou significado para sua existência, traduzindo em palavras seu constante anseio por dignidade e paz para todos. Certamente, para se obter esse nível de consciência, foi necessária uma grande força interior capaz de sustentá-la em meio às angústias que ficam nítidas em seus diários, cujo testemunho revela sua entrega a Deus e a seu povo, ressaltando inclusive sua contribuição para a humanidade como um todo. Assim, do mesmo modo como Deus se entregou pelo bem de toda a sua criação, na figura de Jesus Cristo, Etty Hillesum se doou, de corpo e alma, para que pudesse atingir o máximo de sua plenitude.



REFERÊNCIAS

Bíblia Pastoral. (2020). Paulus.

Deleuze, G. (1993). *La Littérature et la Vie, Critique et Clinique*. Minuit, 11–17.

Ferrière, P., & Meeûs-Michiels, I. (2014). *15 dias de oração com Etty Hillesum*. (P. F. Valério, Trad.). Paulinas.

Hillesum, E. (2019). *Uma vida interrompida: Diário de Etty Hillesum, 1941–43*. (M. Guimarães, Trad.). Editora Âyiné.

Michaeldavide, F. (2019). *Etty Hillesum: humanidade enraizada em Deus*. (M. do R. de Castro Pernas, Trad.). Paulinas.

Russ, J. (1999). *Pensamento ético contemporâneo*. (C. Marcondes Cesar, Trad.). Paulus.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anónima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.